ESTÉTICAS DA RASURA: ARTE, ARQUIVO E ESTRATÉGIAS DE VISIBILIZAÇÃO EM VOLUSPA JARPA

ERASURE AESTHETICS: ART, ARCHIVE, AND STRATEGIES OF VISIBILITY IN VOLUSPA JARPA

Ramsés Albertoni Barbosa

VOLUSPA JARPA
ESTRATÉGIAS DE VISIBILIZAÇÃO
ESTÉTICA LACUNAR
CORPO (DES)HISTÉRICO
ARTE CONTEMPORÂNEA

Este artigo analisa as estratégias de visibilização na poética de Voluspa Jarpa, cuja obra mobiliza arquivos desclassificados pelo governo dos Estados Unidos sobre as ditaduras latino-americanas como dispositivos simbólicos de reinscrição da violência e do trauma histórico. Inserida no campo da arte contemporânea crítica, a pesquisa adota uma metodologia qualitativa, teórico-interpretativa e interdisciplinar, centrada na análise de três instalações da artista. O estudo demonstra como Jarpa transforma a censura e a opacidade em elementos constitutivos de sua linguagem visual, propondo uma estética lacunar que reinscreve o trauma por meio da ausência, da falha e do silêncio. A pesquisa conclui que a poética de Jarpa desloca a arte do campo da representação para o da elaboração simbólica da dor coletiva, reposicionando o arquivo como território de dissenso e resistência política.

VOLUSPA JARPA
STRATEGIES OF VISIBILITY
LACUNAR AESTHETICS
(DE)HYSTERICAL BODY
CONTEMPORARY ART

This article analyzes the strategies of visibility in the poetics of Voluspa Jarpa, whose work mobilizes declassified documents released by the United States government regarding Latin American dictatorships as symbolic devices for the reinscription of violence and historical trauma. Situated within the field of critical contemporary art, the research adopts a qualitative, theoretical-interpretative, and interdisciplinary methodology, centered on the analysis of three of the artist's installations. The study demonstrates how Jarpa transforms censorship and opacity into constitutive elements of her visual language, proposing a lacunar aesthetic that reinscribes trauma through absence, failure, and silence. The research concludes that Jarpa's poetics displace art from the field of representation to that of symbolic elaboration of collective pain, repositioning the archive as a site of dissensus and political resistance.

ISSN 1518–5494
ISSN–E 2447–2484

ARQUIVAR O INDIZÍVEL

A pesquisa se insere no campo crítico da arte contemporânea, em diálogo com a psicanálise, a teoria do trauma, a filosofia da memória e os estudos dos arquivos, com ênfase na produção artística latino-americana que confronta os efeitos da repressão estatal, da censura institucional e do apagamento histórico. Em um cenário marcado por heranças ditatoriais e por disputas simbólicas em torno da memória coletiva, torna-se cada vez mais relevante investigar como a arte pode atuar como espaço de reinscrição subjetiva da dor coletiva e de elaboração fragmentária da violência e do trauma.

A partir desse contexto, o estudo volta-se à obra da artista visual chilena Voluspa Jarpa, cuja produção tem se destacado pelo uso crítico de arquivos desclassificados pelo governo dos Estados Unidos relacionados às ditaduras latino-americanas. Apesar da crescente visibilidade de suas obras em espaços institucionais internacionais, ainda são escassas análises que integrem, de modo sistemático, os conceitos de arquivo, trauma e recepção estética em sua poética. Nesse sentido, o problema central da pesquisa reside em compreender como a artista transforma documentos em dispositivos simbólicos de visibilização da violência histórica, operando não pela reconstituição factual, mas por meio de estratégias estéticas de ausência, falha e opacidade.

A relevância teórica e prática deste estudo justifica-se pela sua contribuição à ampliação dos debates sobre a função crítica da arte frente às memórias silenciadas e às violências de Estado. Ao propor uma leitura conceitualmente integrada da obra de Jarpa, o trabalho também visa fortalecer o entendimento da arte como campo de dissenso político e escuta ética, capaz de interpelar o espectador de maneira sensível e subjetivante.

O objetivo geral da pesquisa é analisar as “estratégias de visibilização” (Autor, 2024) presentes na poética de Jarpa, compreendendo de que forma essas estratégias operam como dispositivos críticos que reconfiguram o arquivo como campo simbólico de disputa. Os objetivos específicos incluem investigar os conceitos, propostos por Autor (2025), “estética lacunar”, “contra-memória” e “contra-arquivo” na obra da artista, examinar a figura do espectador como “corpo (des)histérico” diante dos vestígios do trauma, e interpretar como a censura e a opacidade tornam-se elementos constitutivos da linguagem visual da artista.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, de cunho teórico-interpretativo e interdisciplinar, articulando leitura estética-formal, análise simbólico-discursiva, estudo da recepção e crítica institucional. A pesquisa ancora-se no conceito de estratégias de visibilização como eixo analítico e será aplicada ao estudo de três obras específicas de Jarpa: Biblioteca de la No-Historia (2011), La Biblioteca de la No-Historia / Preguntas y Respuestas (2012) e No-History’s Library – The Backyard (2015).

Espera-se demonstrar como a poética da artista não apenas desestabiliza a autoridade do documento como fonte de verdade, mas também propõe um novo regime de visibilidade marcado pela ausência e pela falha, onde o silêncio e a lacuna emergem como formas éticas de reinscrição do trauma histórico.

ARQUIVOS SENSÍVEIS

Ao se inserir em um campo crítico interdisciplinar, a pesquisa busca analisar práticas artísticas que enfrentam os efeitos da repressão estatal, da censura e do apagamento institucional. Esse campo tem se expandido nos últimos anos, especialmente na

América Latina, diante das urgências de reconfigurar a memória histórica de regimes ditatoriais e violências de Estado, não mais por meio da representação direta dos fatos, mas por práticas estético-discursivas que operam nos limites da linguagem, da imagem e da recepção.

Foster (2004) vêm discutindo a chamada virada arquivística (archival turn) na arte contemporânea, em que o documento deixa de ser repositório de verdade para tornar-se campo simbólico de disputa e fratura relacionado ao "impulso de arquivo". Enquanto isso, Didi-Huberman (2003) propõe a imagem-lacuna ou imagem-sintoma como forma de manifestação indireta do trauma, valorizando o que falta, o que falha, o que silencia. Nesse mesmo horizonte, Derrida (1995) problematiza a neutralidade do arquivo, compreendendo-o como tecnologia de repressão simbólica. Foucault (1996) também contribui para essa crítica ao tratar o arquivo como regime de enunciabilidade, que define os limites do que pode ser dito e visto.

No contexto latino-americano, essa discussão ganha contornos específicos. Richard (2007), Longoni (2010) e Giunta (2022) abordam as práticas artísticas pós-ditatoriais como formas de resistência simbólica, em que os vestígios da repressão – documentos rasurados, imagens fragmentadas, testemunhos truncados – tornam-se matéria estética e política. Richard propõe a noção "escritura interrompida" para pensar a arte como resposta ao colapso das narrativas hegemônicas da história, já Longoni analisa o ativismo estético como prática que tensiona as fronteiras entre arte, política e arquivo.

Paralelamente, os estudos do trauma oferecem aportes teóricos essenciais para compreender a arte como campo de elaboração simbólica do indizível. Freud (2016), Lacan (2006), Caruth (1996), Laub (1995) e Seligmann-Silva (2022) concebem o trauma como aquilo que escapa à simbolização, retornando como sintoma, falha ou repetição. A partir dessas formulações, emerge a noção de estética do sintoma, em que a arte atua não como tradução direta da violência e do trauma, mas como forma ética e afetiva de sua reinscrição fragmentária.

Deve-se ressaltar que na psicanálise, especialmente a partir de Lacan (2006), o sintoma não é um simples erro ou falha de funcionamento – como na psicologia, especialmente nas abordagens de base cognitivo-comportamental ou médica, em que o sintoma costuma ser compreendido como um sinal visível de uma disfunção psíquica ou comportamental –, mas uma formação do inconsciente, dotada de sentido, embora cifrado.

No Brasil, Rivera (2006) e Greiner (2010) ampliam esse debate ao propor que a recepção estética é também uma experiência subjetiva de vulnerabilidade e escuta. No campo da recepção estética, Rancière (2000) propõe o "espectador emancipado" que rompe com a ideia de público passivo e destaca a experiência crítica do olhar. O autor articula igualmente a ideia de "partilha do sensível", que orienta as formas do visível, do dizível e do pensável em cada regime político. Sua teoria sustenta a compreensão da arte como campo de dissenso, onde a memória oficial é confrontada por narrativas fragmentadas e afetivas. A recepção, portanto, é concebida não como decodificação, mas como escuta ética diante da opacidade.

Apesar desses avanços, ainda são escassos os estudos que sistematizam de forma integrada a produção de Jarpa, artista visual chilena cuja obra articula arquivos desclassificados, censura institucional e estética do trauma. Sua produção transforma documentos desclassificados sobre as ditaduras latino-americanas em dispositivos estético-discursivos, instaurando estratégias de visibilização que operam por meio da

ausência, da rasura e do silêncio. Essas operações constroem uma linguagem crítica que reconfigura o arquivo como campo de disputa simbólica e a arte como espaço de reinscrição subjetiva da dor coletiva.

A pesquisa busca, portanto, preencher essa lacuna ao propor uma leitura conceitualmente integrada da obra de Jarpa, ancorada em conceitos que não apenas ampliam o vocabulário crítico sobre a relação entre arte e memória, mas permitem compreender a recepção estética como experiência de subjetivação política frente ao trauma histórico.

HIPÓTESES SOBRE A VISIBILIZAÇÃO DO TRAUMA

Parte-se da hipótese de que a poética de Jarpa opera como um sistema crítico de estratégias de visibilização (Autor, 2024) que, ao manipular estética e conceitualmente os documentos desclassificados pelo governo estadunidense sobre as ditaduras latino-americanas, transforma o arquivo em superfície simbólica de conflito, revelando não apenas os conteúdos suprimidos, mas os próprios mecanismos de repressão que estruturam a memória oficial.

Essas estratégias acionam uma estética lacunar (Autor, 2025), que não busca reconstituir uma narrativa completa, mas inscreve a ausência, a falha e a opacidade como formas de elaboração sensível do trauma histórico. Em vez de preencher o vazio do documento borrado, Jarpa estetiza suas lacunas como sintomas visuais da repressão, instaurando uma linguagem crítica que desloca o foco da representação para a experiência ética do não-dito.

Nesse gesto, sua obra constitui-se como contra-memória, pois recusa a linearidade reconciliadora das narrativas institucionais, e como contra-arquivo, ao desmontar a autoridade do documento como repositório de verdade e revelar o arquivo como tecnologia de poder, seletiva e excludente (Autor, 2025).

A recepção de suas obras convoca o espectador a assumir a posição de um corpo (des)histérico (Autor, 2025), um sujeito dividido, ético e sensível, afetado pelas falhas e rasuras do documento, e mobilizado a escutar os vestígios do trauma que o poder tentou silenciar. Dessa maneira, o corpo (des)histérico desloca a histeria de seu campo clínico para propor uma figura subjetiva sensível à opacidade do arquivo, cujos sintomas visuais da repressão insistem como restos significantes do recalque institucional. A estética do sintoma, nesse contexto, não visa à decifração, mas à elaboração fragmentária, hesitante e ética daquilo que escapa à simbolização. Em contraposição, emerge a figura do algoz histérico (Autor, 2025), o Estado ou dispositivo de poder que, mesmo ao liberar arquivos, insiste em censurar suas próprias marcas de violência, produzindo, paradoxalmente, os sintomas visuais do que desejava ocultar.

Supõe-se, portanto, que o confronto simbólico entre o corpo (des)histérico e o algoz histérico instaura um campo de elaboração subjetiva e política da memória traumática latino-americana, no qual o silêncio não é ausência, mas linguagem crítica da dor.

A HISTERIA COMO MÉTODO E LINGUAGEM DA MEMÓRIA

No trabalho de Jarpa, o espaço expositivo não se organiza como narrativa linear, mas como cena histriônica, no sentido técnico do termo, e não pejorativo. Trata-se de uma cena marcada pela opacidade e pela incompletude, em que a violência e o trauma

não são representados, mas reinscritos como sintoma. Diante dessa configuração, o espectador não encontra respostas esclarecedoras, mas é interpelado por um saber que escapa à racionalidade discursiva, pois é um saber do sintoma, transmitido pela experiência estética e não pela lógica da exposição documental.

A arte de Jarpa, portanto, não tematiza a histeria como desvio, mas a mobiliza como método epistemológico e como linguagem poética. Sua produção desestabiliza os códigos do visível e do dizível, deslocando a história para o território da memória sensível, afetiva e corporal. A histeria da história, nesse contexto, é revalorizada como forma de conhecimento que opera a partir da falha, da ausência e da dor, é uma epistemologia alternativa que desafia os regimes tradicionais de enunciação da própria história.

Dessa maneira, é preciso reconhecer a força da linguagem que falha, pois é justamente nessa falha que a arte encontra seu potencial ético diante da barbárie. A obra de Jarpa inscreve-se nesse limiar entre a impossibilidade de dizer e a urgência de testemunhar, entre o documento censurado e a cena artística como espaço de reinscrição simbólica do indizível.

Diante da opacidade do documento, o espectador é convocado a ocupar uma posição crítica e sensível, própria da figura do corpo (des)histérico (Autor, 2025). Nessa chave, Jarpa se aproxima da fabulação crítica da memória, pois a partir de vestígios truncados, sua obra reorganiza os fragmentos do passado por meio de operações como montagem, suspensão narrativa e sobreposição de camadas. Longe de oferecer uma leitura unívoca da história, a artista constrói zonas de instabilidade interpretativa que convidam o espectador a participar da elaboração simbólica da memória coletiva.

Sua poética, assim, não se limita a uma estética do conteúdo, mas propõe uma reformulação dos modos de ver, saber e lembrar. As estratégias de visibilização que mobiliza reconfiguram a relação entre arte, documento e política da memória, tornando as lacunas da história não meras ausências, mas presenças carregadas de densidade afetiva, sintomas visuais do que insiste em retornar.

APORTES CONCEITUAIS PARA PENSAR ARTE, CENSURA E VISIBILIDADE

A pesquisa se fundamenta em um referencial teórico-conceitual transdisciplinar, que articula saberes da arte contemporânea crítica, da psicanálise, dos estudos da memória, da teoria do trauma e da filosofia política. Seu objetivo é compreender de que forma Jarpa, por meio de uma linguagem visual marcada por apagamentos, opacidades e fragmentações, mobiliza os arquivos desclassificados sobre as ditaduras latino-americanas como dispositivos simbólicos de visibilização da violência e do trauma histórico.

No cerne dessa abordagem está o conceito estratégias de visibilização (Autor, 2024), definido como um conjunto de operações estético-conceituais, narrativas e materiais que têm como objetivo tornar perceptível o que foi historicamente silenciado, apagado, censurado ou distorcido nos discursos oficiais. Conceito desenvolvido no campo das artes visuais contemporâneas – originado no contexto da análise das ditaduras latino-americanas e de arquivos desclassificados –, as estratégias de visibilização consistem em práticas poético-estéticas e críticas voltadas para a exposição, interpretação e problematização de informações historicamente ocultadas, censuradas ou distorcidas. Essas estratégias operam como mecanismos de leitura crítica e reconfiguração simbólica de arquivos e documentos, enfatizando não apenas o conteúdo visível, mas

também as marcas da repressão – tarjas, borraduras e lacunas – como formas de denúncia e de construção de memória. Essas estratégias se desenvolvem em três níveis:

- Estético-sensorial: utilização de suportes, materiais e instalações que provocam uma experiência sensível no espectador, estimulando-o a interagir ativamente com a obra e a questionar a legitimidade das narrativas apresentadas.
- Epistemológico-político: deslocamento das fronteiras entre arte, história e psicanálise, evidenciando o arquivo como espaço de conflito entre memória e esquecimento, e como sintoma de traumas sociais.
- Crítico-curatorial: articulação de práticas artísticas que desconstroem a retórica visual do poder, revelando os mecanismos de ocultamento e produzindo novos significados coletivos a partir dos documentos históricos rasurados e incompletos.

As estratégias de visibilização problematizam o próprio ato de ver, de saber e de representar, oferecendo à arte uma função política ativa na reinterpretação da história. Na obra de Jarpa, essas estratégias são acionadas sobretudo a partir da manipulação artística de documentos desclassificados pelo governo dos Estados Unidos sobre as ingerências na América Latina, criando instalações, pinturas e dispositivos visuais que confrontam o público com os limites do saber histórico e com as marcas do trauma coletivo.

A noção de estética lacunar (Autor, 2025) emerge como um dos pilares conceituais do estudo. Essa estética valoriza a ausência, a rasura e a interrupção como formas de enunciação do trauma, pois em vez de representar diretamente os fatos históricos, a poética de Jarpa aposta no que falta, no que falha e no que silencia, instaurando um regime visual que recusa a transparência e transforma a opacidade em signo da violência histórica.

A pesquisa se ancora igualmente nas noções de contra-memória e contra-arquivo (Autor, 2025), que tensionam a função tradicional dos arquivos e das narrativas oficiais. A contra-memória opera como resistência simbólica aos discursos institucionalizados da história, propondo uma escuta fragmentária, dissonante e afetiva dos vestígios do passado. O contra-arquivo, por sua vez, transforma o documento em campo de disputa simbólica, revelando não o que foi arquivado, mas os modos pelos quais o poder arquiva para esquecer. Nas obras de Jarpa, as tarjas, borraduras e lacunas não são falhas a serem corrigidas, mas sintomas visuais da repressão, reorganizados esteticamente como denúncia da histeria da história.

Do campo da psicanálise, são mobilizados conceitos fundamentais para se pensar a subjetivação estética do espectador. A figura do corpo (des)histérico surge como uma categoria desenvolvida nesta pesquisa para nomear o sujeito-espectador dividido e afetado pelas falhas do arquivo. Trata-se de um espectador que não busca simplesmente decifrar ou completar o que está ausente, mas se permite escutar o que permanece não-dito, deixando-se interpelar pelo sintoma do trauma histórico. Em contraponto, propõe-se a figura do algoz histérico, representação simbólica do poder que, mesmo ao liberar arquivos, continua a operar o apagamento de sua própria violência. Este poder arquiva para silenciar, mas no gesto de esconder, revela involuntariamente os vestígios do que tentou eliminar.

No campo da teoria do trauma, Freud (2016), Lacan (2006), Caruth (1996), Laub (1995) e Seligmann-Silva (2022) contribuem com a ideia de que o trauma não se deixa

representar diretamente, manifestando-se por meio de repetição, falha ou fragmentação. A arte, nesse contexto, não traduz o trauma, mas o reinscreve em formas que exigem uma recepção sensível. Assim, as obras de Jarpa não oferecem uma narrativa reconciliadora, mas instauram uma política da memória que confronta o espectador com os restos, as ruínas e os sintomas do passado.

Por fim, o referencial teórico da pesquisa contempla as contribuições de Rancière (2000) e Bourriaud (2009) para pensar a recepção estética como espaço de dissenso. A figura do espectador nas obras de Jarpa trata-se de um público convocado à participação crítica, afetiva e ética, diante de uma visualidade marcada pela incompletude. As instalações da artista não apenas mostram documentos censurados, mas transformam o silêncio em linguagem e a ausência em presença simbólica.

Desse modo, o referencial teórico-conceitual que estrutura a pesquisa permite compreender a produção de Jarpa como uma poética do sintoma, haja vista que ao transformar o arquivo desclassificado em superfície de falha e a memória em campo de fricção simbólica, sua obra não busca restaurar a história apagada, mas reinscrevê-la em imagens instáveis, que desafiam o olhar e produzem uma escuta ética do que foi silenciado. A arte, nesse cenário, assume uma função crítica e política, atuando como campo de resistência simbólica e de elaboração fragmentária da dor coletiva.

UM MÉTODO DAS AUSÊNCIAS

Adota-se uma abordagem qualitativa, teórico-interpretativa e interdisciplinar, orientada pelos campos da crítica de arte contemporânea, da psicanálise, da teoria do trauma e da filosofia da memória. O objetivo é analisar como a poética de Jarpa, ao manipular documentos censurados e arquivos desclassificados, mobiliza conceitos críticos que desestabilizam os regimes oficiais de visibilidade e memória. O conceito estratégias de visibilização (Autor, 2024) constitui o eixo metodológico da pesquisa e se desdobra em três dimensões analíticas: estético-sensorial, epistemológico-político e crítico-curatorial. A metodologia adotada, portanto, visa identificar e analisar essas estratégias como modos específicos de tornar visível o que o arquivo oficial busca ocultar, ativando uma estética lacunar como forma de resistência simbólica (Autor, 2025).

A pesquisa se ancora no paradigma hermenêutico, entendendo a obra de arte como um campo simbólico de interpretação. A partir disso, propõe-se um método de leitura que ultrapassa a análise formal e inclui a escuta das lacunas, falhas e silêncios como instâncias significativas do processo estético, especialmente no contexto de obras que tematizam a repressão e o trauma histórico.

O corpus analítico é composto por três instalações de Jarpa: Biblioteca de la No-Historia (2011), La Biblioteca de la No-Historia / Preguntas y Respuestas (2012) e No-History's Library – The Backyard (2015). Essas obras foram selecionadas por explicitarem, em sua materialidade e concepção estética, a transformação do arquivo em superfície crítica de elaboração simbólica da violência e do trauma. A análise articula os seguintes procedimentos:

- Leitura estética e formal: identificação dos recursos visuais (borraduras, tarjas, rasuras, opacidades, montagens) que estruturam uma estética lacunar e recusam a transparência documental.
- Análise simbólico-discursiva: interpretação das obras como contra-memória e

contra-arquivo, observando como as falhas documentais operam como sintomas do recalque institucional.

- Estudo da recepção estética: aplicação do conceito corpo (des)histérico, examinando como o espectador é interpelado pela incompletude e convidado à escuta ética do trauma.
- Crítica institucional: leitura da figura do algoz histérico como operador do poder arquivístico que tenta silenciar a violência cometida, mas cuja censura se revela sintomaticamente nas próprias obras.

A metodologia proposta permite compreender a arte como prática crítica que não busca representar diretamente o trauma, mas reinscrevê-lo por meio de falhas, silêncios e sintomas. A abordagem interdisciplinar é fundamental para captar a complexidade simbólica dessas obras, que articulam dimensões visuais, psíquicas e políticas do arquivo como campo de disputa.

Esses aportes serão integrados aos conceitos operatórios de Autor (2024, 2025) para formar um arcabouço crítico que compreenda a arte como lugar de insurgência simbólica contra o apagamento histórico. A metodologia está desenhada para responder à hipótese de que a obra de Jarpa não busca restaurar o sentido perdido do arquivo, mas transformar sua falência em linguagem crítica, e, ao fazê-lo, inscrever uma memória dissensual no campo estético-político. Espera-se compreender como sua obra confronta os silenciamentos institucionais, desestabiliza a função tradicional do arquivo e convoca o espectador a uma escuta ética da memória coletiva.

CARTOGRAFIAS DO ARQUIVO

Nesta seção, iremos analisar três instalações de Jarpa – Biblioteca de la No-Historia (2011), La Biblioteca de la No-Historia / Preguntas y Respuestas (2012) e No-History's Library – The Backyard (2015) – que compõem um ciclo coerente de investigação estética, política e epistêmica. Essas obras foram selecionadas por explicitarem, em sua materialidade e concepção curatorial, a transformação do arquivo em superfície crítica de elaboração simbólica do trauma histórico latino-americano. A análise articula quatro eixos metodológicos complementares: leitura estética e formal, análise simbólico-discursiva, estudo da recepção estética, crítica institucional. Esse percurso analítico visa compreender como as estratégias de visibilização formuladas por Jarpa operam não apenas no plano visual, mas também como dispositivos ético-políticos que reconfiguram a relação entre arte, arquivo e memória.

Biblioteca de la No-Historia

Apresentada no Kunstmuseum Bern, na Suíça, em 2011, a instalação estabelece os fundamentos de uma poética do arquivo tensionado. A obra compõe-se de 600 livros negros dispostos em estantes retroiluminadas, formando uma paisagem visual austera e envolvente. A artista transformou documentos desclassificados de agências de inteligência norte-americanas – que revelam práticas de espionagem, conspiração e repressão empreendidas na América Latina – em matéria estética de confronto com o apagamento histórico. Os exemplares podiam ser adquiridos mediante o preenchimento de um formulário, que foi arquivado para uma futura exposição, permitindo que o material circulasse de forma crítica. Diante da dificuldade de leitura dos documen-



Imagem 1. Biblioteca de la No-Historia, Voluspa Jarpa (2011). Fonte: https://www.voluspajarpa.com/artwork/biblioteca-de-la-no-historia-2/

tos, bem como a ausência de classificação histórica, a revisão pelo leitor-espectador se situa num limbo entre a imagem borrada e os fragmentos de informação. A luminosidade interna contrasta com a opacidade dos volumes, construindo um ambiente que encena o paradoxo entre visibilidade e ocultação.

A imagem evidencia os espectadores interagindo com os livros, cujo gesto de aproximação e manuseio revela que, mais do que contemplativa, a instalação exige uma relação tátil e investigativa. O gesto de leitura se converte, assim, em um embate

com a falha, acionando o conceito estética lacunar (Autor, 2025), na qual o documento não transmite uma informação objetiva, mas materializa o sintoma da repressão.

No plano simbólico-discursivo, a biblioteca deixa de ser um espaço de organização racional do saber para se tornar uma arquitetura da histeria da história. Não há índice, ordem temática ou hierarquia de conteúdos, apenas fragmentos dispersos, vestígios truncados e o ruído do que não se pode dizer. A obra, portanto, opera como contra-memória e contra-arquivo, desestabilizando as narrativas oficiais e expondo o arquivo como tecnologia seletiva e excludente do poder estatal.

Em relação à recepção estética, o espectador é convocado à participação ativa, pois ele não apenas contempla, mas precisa se aproximar, tocar, escolher e folhear. Esse gesto o inscreve na lógica do corpo (des)histérico (Autor, 2025), um sujeito dividido entre o desejo de saber e a impossibilidade de acesso. A biblioteca ativa uma experiência ética da incompletude, na qual o trauma emerge não pelo que é mostrado, mas pelo que é sistematicamente ocultado.

Por fim, a obra aciona uma crítica direta à função do Estado como operador de silêncio. Ao estetizar os próprios documentos que tentam apagar a história, Jarpa revela o funcionamento do algoz histérico, figura simbólica de um poder que, ao tentar controlar a memória, acaba por produzir visualmente os sintomas de sua repressão. A instalação torna-se, assim, não um repositório de verdades, mas um dispositivo de escuta do não-dito.

La Biblioteca de la No-Historia / Preguntas y Respuestas

Apresentada no Musée Les Abattoirs, em Toulouse, na França, em 2012, a instalação se configura como uma expansão crítica e sensível da obra anterior, Biblioteca de la No-Historia (2011). A instalação é composta por uma mesa expositora retroiluminada, dividida por compartimentos que acomodam livros organizados em diferentes edições. Parte desses volumes reúne os documentos desclassificados sobre Chile, Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, entre os anos 1960 e 1991, já previamente curados pela artista com base em critérios estético-formais. Neste trabalho, Jarpa articula dois eixos fundamentais, o da violência institucional e o da reação subjetiva: de um lado, a disponibilização pública de documentos desclassificados da CIA; de outro, a inserção de respostas subjetivas de leitores anônimos que interagiram com a versão anterior da obra. Assim, constrói-se um espaço expositivo que tensiona a ideia de memória como repositório estático, ativando o arquivo como campo de fricção entre o histórico e o histérico, o público e o privado. Ao articular os arquivos desclassificados com as respostas manuscritas dos espectadores, a artista tensiona os limites entre documento e testemunho, memória institucional e subjetiva, instaurando um campo de fricção simbólica entre o histórico e o afetivo.

A fotografia da instalação revela uma cena de intensa interação pública. Os espectadores leem, escrevem, se debruçam sobre os materiais, criando um espaço de escuta e resposta coletiva. Essa dimensão ativa é fundamental para o estudo da recepção estética, pois o espectador é convocado a ocupar o lugar do corpo (des)histérico (Autor, 2025), dividido entre a urgência de compreender e a impossibilidade de restaurar o sentido do que foi silenciado. O que se escreve ali não é uma reconstrução factual, mas uma inscrição hesitante do trauma, ecoando a falha do documento. Na dimensão estético-formal, a materialidade dos documentos é estetizada como evidência visual da repressão. A censura, nesse contexto, não é ausência, mas



Imagem 2. La Biblioteca de la No-Historia / Preguntas y Respuestas, Voluspa Jarpa (2012). Fonte: https://www.voluspajarpa.com/artwork/la-biblioteca-de-la-no-historia-preguntas-y-respuestas/

presença traumática, sinalizada por borraduras que operam como sintomas visuais da violência de Estado.

A censura institucional, materializada por borraduras, rasuras e lacunas, deixa de ser um obstáculo e passa a constituir o próprio conteúdo da obra, transformando-se em signo visual da omissão e do trauma. A censura, nesse contexto, já não é apenas apagamento, mas inscrição negativa da violência. O documento deixa de funcionar como fonte histórica e passa a operar como corpo simbólico ferido, ou, como propõe esta pesquisa, como arquivo histérico, um corpo textual que fala justamente por meio daquilo que não pode dizer.

No nível simbólico-discursivo, a obra intensifica a lógica do contra-arquivo, ao tornar o gesto do apagamento institucional parte constitutiva da linguagem estética. Ao lado dos documentos censurados, as respostas dos espectadores se impõem como contra-memória, desestabilizando a autoridade narrativa do arquivo oficial. O arquivo não é mais repositório de saber, mas superfície de falha que convoca a participação subjetiva na elaboração da memória.

A obra explicita, afinal, uma crítica contundente à lógica do arquivo como promessa de verdade. O gesto de incluir os testemunhos manuscritos revela a operação simbólica do algoz histérico, pois, o Estado, ao desclassificar arquivos, não interrompe sua função repressiva, apenas a desloca. A obra desmonta a neutralidade do arquivo e posiciona o espectador como agente ético da escuta.

A instalação transforma, assim, o museu em um espaço de transferência simbólica, onde a memória é continuamente reinscrita entre o documento ferido e a escrita do público. Trata-se de uma obra que não oferece respostas, mas convoca perguntas, e, com elas, o exercício ético de escutar e responder ao que o poder tentou apagar.

No-History's Library – The Backyard

Apresentada em 2015 no Migros Museum für Gegenwartskunst, em Zurique, na Suíça, a instalação dá continuidade ao projeto de Jarpa de reelaboração crítica da memória histórica da América Latina a partir de arquivos desclassificados das agências de inteligência norte-americanas. Desta vez, o gesto arquivístico da artista alcança um novo grau de elaboração formal e crítica, ao reorganizar aproximadamente 70 mil documentos – referentes aos períodos ditatoriais do Chile, Argentina, Uruguai e Brasil, entre 1962 e 1977 – em uma coleção de livros dispostos em estantes. Os critérios de organização utilizados pela artista são geopolíticos e cronológicos, permitindo ao público navegar pelo material a partir de diferentes eixos de leitura, ainda que constantemente interrompidos pelos apagamentos que marcam a própria constituição dos documentos.

Do ponto de vista da leitura estética e formal, a instalação se organiza a partir de uma biblioteca minimalista, de linhas limpas e neutras, em que os livros – ainda que formalmente organizados – ocultam em seu interior apagamentos, rasuras e zonas ilegíveis. A clareza visual do espaço contrasta com a densidade política dos conteúdos censurados, instaurando uma tensão produtiva entre aparência de ordem e falência do discurso. O livro, aqui, já não é signo de saber, mas superfície da falha histórica.

No plano simbólico-discursivo, a obra opera como um contra-arquivo, já que o acesso ao documento não oferece esclarecimento, mas perplexidade. O gesto artístico transforma o apagamento em linguagem, e a censura, em índice da repressão. Como nas obras anteriores, a ausência é produtiva, ela age como sintoma, revelando a violência não pelo que mostra, mas pelo que insiste em esconder. O arquivo, ao invés de restaurar o passado, dramatiza sua irrepresentabilidade.

A recepção estética é ativada por meio de um dispositivo de leitura e escrita posicionado no centro da sala – como mostra a imagem da instalação – onde o público é convidado a responder à pergunta: "O que você vai fazer com isso?". Esse gesto desloca o espectador da posição de observador passivo para sujeito de escuta e inscrição. Interpelado pela falha do arquivo, ele assume a condição de corpo (des)histérico (Autor, 2025), um sujeito ético, afetado e dividido, convocado a elaborar simbolicamente os restos da violência histórica.

A pergunta dirigida ao público funciona, ainda, como operador psicanalítico, ao solicitar uma resposta, transfere ao espectador a responsabilidade simbólica pela memória. A instalação, assim, não se fecha em si mesma, mas se atualiza no gesto de quem responde. Cada anotação manuscrita transforma o arquivo em performance, e o museu em espaço de transferência coletiva.

No plano da crítica institucional, a figura do algoz histérico permanece em cena, agora menos como censura direta e mais como apagamento sistematizado. O Estado, mesmo ao liberar arquivos, continua operando o silenciamento, mascarado por uma estética de neutralidade. A artista desmonta essa falsa transparência ao estetizar a própria estrutura do recalque.

Em síntese, Jarpa radicaliza a proposta de reconfigurar o arquivo como campo de disputa simbólica. A obra não busca documentar o trauma, mas atualizá-lo como enigma ético. O espectador não encontra explicações, encontra perguntas. E é nesse deslocamento, do saber para a escuta, da verdade para o sintoma, que se consolida a eficácia crítica da instalação.



Imagem 3. No-History's Library – The Backyard, Voluspa Jarpa (2015). Fonte: https://www.voluspajarpa.com/artwork/no-historys-library-the-backyard/

DA OPACIDADE DOCUMENTAL À ESCUTA CRÍTICA

A análise das obras Biblioteca de la No-Historia, La Biblioteca de la No-Historia / Preguntas y Respuestas e No-History's Library – The Backyard evidencia um percurso poético-conceitual no qual Jarpa transforma o arquivo censurado em superfície estética de elaboração simbólica do trauma. Em todas as obras, o documento deixa de ser tratado como fonte de verdade e passa a operar como fragmento, falha, sintoma, ou seja, como corpo histérico da história.

Na primeira instalação, a biblioteca aparece como espaço da opacidade, não se trata de revelar informações, mas de confrontar o espectador com a impossibilidade de leitura plena. Já na segunda obra, essa relação se complexifica ao introduzir as respostas manuscritas dos espectadores, instaurando um circuito de afetos e subjetividades em torno do arquivo censurado. Por fim, a proposta atinge sua máxima elaboração ao exigir diretamente do público um posicionamento ético diante da pergunta sobre o que fará com o material disponibilizado.

Nos três casos, observa-se uma progressiva descentralização do arquivo como repositório de saber objetivo, em favor de uma poética da hesitação, da escuta e da instabilidade interpretativa. A censura não é denunciada apenas pelo conteúdo que suprime, mas pela própria forma de sua presença visual, porquanto borraduras, tarjas, lacunas e silêncios estruturam uma estética lacunar que dá forma ao indizível. Essa operação recusa a representação reconciliadora do trauma e propõe, em seu lugar, uma política da memória baseada na escuta ética e na coautoria subjetiva.

A figura do corpo (des)histérico emerge, nesse contexto, como operador da recepção estética, pois o espectador é interpelado não como consumidor de informação, mas como sujeito vulnerável, afetado pelas falhas do arquivo e mobilizado a simbolizar aquilo que o poder tentou apagar. Em contraponto, a figura do algoz histérico revela a dimensão repressiva do Estado arquivador que, mesmo ao liberar documentos, mantém ativa a lógica do recalque.

Ao integrar esses elementos, Jarpa constrói uma poética do sintoma que desloca o foco da verdade documental para a experiência sensível da ausência. Sua obra não busca restaurar narrativas perdidas, mas reinscrevê-las como fragmentos instáveis, onde a arte atua como campo de resistência simbólica e de elaboração política da dor coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como objetivo analisar as estratégias de visibilização na poética de Voluspa Jarpa, compreendendo de que modo sua obra transforma os arquivos desclassificados pelo governo dos Estados Unidos a respeito das ditaduras latino-americanas em dispositivos estéticos de reinscrição simbólica da violência e do trauma histórico. A pesquisa partiu da hipótese de que a artista mobiliza uma estética lacunar que, ao invés de restaurar o sentido perdido dos documentos, estetiza suas falhas e silêncios como sintomas da repressão e da violência institucional.

A análise das instalações Biblioteca de la No-Historia, La Biblioteca de la No-Historia / Preguntas y Respuestas e No-History's Library – The Backyard permitiu identificar operações recorrentes que configuram uma linguagem crítica específica como o uso da opacidade, da fragmentação e da rasura como formas de visualização do apagamento histórico. Esses recursos estéticos não visam a representação direta dos eventos traumáticos, mas a convocação do espectador a uma escuta ética diante do indizível, reposicionando a arte como campo de dissenso simbólico.

A pesquisa procurou demonstrar como a obra da artista desloca a função tradicional do arquivo – de repositório de verdades – para torná-lo um espaço de conflito, falência e memória não reconciliada. A figura do corpo (des)histérico revelou-se fundamental para compreender o papel do espectador como sujeito afetado pela incompletude documental e mobilizado a participar da elaboração simbólica da memória.

A principal contribuição deste estudo reside na articulação entre arte contemporânea, psicanálise e teoria do trauma para propor uma leitura integrada da obra de Jarpa. Ao desenvolver os conceitos estratégias de visibilização, estética lacunar, contra-memória e contra-arquivo, a pesquisa amplia o vocabulário crítico sobre as relações entre arte, censura e memória histórica, e propõe novas formas de recepção estética ancoradas na vulnerabilidade e na escuta ativa.

Entre as limitações do trabalho, destaca-se o recorte restrito a três obras da artista, o que, embora coerente com os objetivos propostos, deixa de lado outras fases e linguagens presentes em sua trajetória. Além disso, por se tratar de uma pesquisa teórico-interpretativa, não foram incluídas entrevistas com a artista ou dados empíricos sobre a recepção de suas obras por diferentes públicos.

Para estudos futuros, recomenda-se investigar como a obra de Jarpa dialoga com outras práticas artísticas latino-americanas voltadas à reconfiguração da memória histórica, bem como explorar a recepção internacional de suas exposições sob a pers-

pectiva da curadoria crítica. Também seria pertinente aprofundar os desdobramentos do conceito de corpo (des)histérico em outros contextos artísticos e culturais.

Por fim, a pesquisa reafirma a potência da arte como campo de resistência simbólica frente às narrativas oficiais da história. Em um tempo marcado pela disputa pela memória, a poética de Jarpa evidencia que as ausências e falhas do arquivo não representam o fim do discurso, mas o início de uma linguagem crítica capaz de reinscrever o trauma como experiência compartilhada e politicamente elaborada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ramsés Albertoni. Esculpir o invisível: poéticas da ausência em artistas latino-americanos contemporâneos. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, v. 15, n. 34, p. 188-219, maio-ago. 2025b. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/59348. Acesso em: 14 set. 2025.

BARBOSA, Ramsés Albertoni. Sistema Est-ético: a arte como insurgência diante do irrepresentável. Modos: Revista de História da Arte, v. 9, n. 2, p. 188-221, maio 2025c. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8680491. Acesso em: 3 out. 2025.

BARBOSA, Ramsés Albertoni. O vazio como linguagem: a crítica ética da estética lacunar. Revista Visuais, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 191-212, 2025d. DOI: 10.20396/visuais.v11i2.20680. Disponível em: https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/visuais/article/view/20680. Acesso em: 18 dez. 2025.

BARBOSA, Ramsés Albertoni. Estrategias de visibilización o los sentidos de las borraduras: os dispositivos da histeria e da história na po(ética) de Voluspa Jarpa. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/17528. Acesso em: 13 nov. 2024.

BARBOSA, Ramsés Albertoni. Entrevista con Voluspa Jarpa. Nava, v. 8, n. 1, p. 191-200, dez. 2022. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/38813. Acesso em: 16 jul. 2025.

BARBOSA, Ramsés Albertoni. O arquivo, esse monstro temível e sedutor, é transparente e opaco: as histórias de aprendizagem da artista plástica Voluspa Jarpa. Palíndromo, v. 12, n. 26, p. 227-239, 2020. Disponível em: https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/15186. Acesso em: 16 jul. 2025.BOURRIAUD, Nicholas. Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARUTH, Cathy. Unclaimed experience. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.

DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Images malgré tout. Paris: Éditions de Minuit, 2003.

FOSTER, Hal. An Archival Impulse. In: October, v. 110, p. 3–22, 2004.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1893-1895). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIUNTA, Andrea. Contra o cânone: arte contemporânea em um mundo sem centro. Florianópolis: Editora Nave, 2022.

GREINER, Christine. O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23 – O sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LAUB, Dori. Truth and testimony: the process and the struggle. In: Caruth, Cathy (org.). Trauma. Explorations in memory. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

LONGONI, Ana. Del Di Tella a Tucumán Arde: vanguardias artísticas y política en el '68 argentino. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. Le partage du sensible: esthétique et politique. Paris: La Fabrique éditions, 2000.

RICHARD, Nelly. Fracturas de la memoria: arte y pensamiento crítico. Buenos Aíres: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

RIVERA, Tânia; SAFATLE, Vladimir (orgs.). Sobre arte e psicanálise. São Paulo: Escuta, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A virada testemunhal e decolonial do saber histórico. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

RAMSÉS ALBERTONI BARBOSA
Professor da Faculdade de Comunicação da UFJF, Pesquisador de Pós-doutorado em Comunicação (PPGCOM-UFJF), Pós-doutor em Artes (PPGCA-UFF), Doutor em Artes (PPGACLUFJF), Pesquisador do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Literacia Midiática.
ramalbertoni@gmail.com